

ENTREVISTA A ROB DAVIS

Colin Darch

O académico e activista Rob Davies, exilado sul-africano, foi pesquisador do Centro de Estudos Africanos em Maputo, durante onze anos. Tendo chegado a Moçambique nos inícios de 1979, com 31 anos, permaneceu no país até meados de 1990. Ao longo deste período, Rob Davies vivenciou alguns dos mais difíceis, mas também mais produtivos, anos da história do centro, sob a direcção de Aquino de Bragança, Ruth First e Sérgio Vieira. Nesta instituição, ele participou em projectos de pesquisa colectiva, docência no Curso de Desenvolvimento e, mais tarde, chefiou o Núcleo de Estudos da África Austral, que funcionava no mesmo centro. O seu artigo publicado em 1995 em co-autoria com Dan O'Meara, intitulado *Total Strategy in Southern Africa* (Estratégia Total na África Austral), assim como o panfleto *South African Strategy Towards Mozambique in the Post-Nkomati period: a critical analysis of effects and Implications* (A Estratégia da África do Sul em relação a Moçambique no período post-Nkomati: uma análise crítica dos seus efeitos e implicações), ambos escritos em Moçambique, constituíram contribuições importantes para a compreensão da estratégia de desestabilização na região austral de África.¹³⁷ Depois da libertação de Nelson Mandela em 1990, ele regressou ao seu país, a República da África do Sul, onde ocupou o lugar de Director-adjunto, juntamente com Peter Vale, do *Centre for Southern African Studies*, da Universidade de *Western Cape*. Em 1994, foi eleito membro do primeiro parlamento democrático da África do Sul, pela lista do ANC, e, em Maio de 2009, foi nomeado Ministro do Comércio e Indústria, depois de ter ocupado o lugar de Vice-Ministro do mesmo órgão a partir de meados de 2005. Davis é membro do Partido Comunista da África do Sul e do Comité Nacional Executivo do ANC. Em Abril de 2017, Colin Darch seu ex-colega no CEA, entre 1979 e 1987, entrevistou-o sobre as memórias das suas vivência em Moçambique, no seu escritório situado no espaço de jurisdição parlamentar da Cidade do Cabo.

137 "Total strategy in Southern Africa: an analysis of South African regional policy since 1978", *Journal of Southern African Studies*, vol.11, nº2 (April 1985), p.183- 211; *South African strategy towards Mozambique in the post-Nkomati period: a critical analysis of effects and implications* (Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1985).

Colin Darch (CD): Em primeiro lugar, gostaria de saber que razões te levaram a Moçambique e como acabaste por trabalhar no Centro de Estudos Africanos?

Rob Davies (RD): Eu vim através da Ruth First e Joe Slovo, quando era estudante na Grã-Bretanha. A primeira vez que tive um contacto com Joe foi em Oxford durante uma conferência importante, envolvendo pessoas que viam a África do Sul sob uma perspectiva marxista.

CD: Em que ano foi isso?

RD: Deve ter sido por volta de 1974 ou 1975. Então, mais tarde, tive uma maior proximidade com Ruth em alguns dos seminários organizados pela *School of Oriental and African Studies* (SOAS), em Londres. Costumava participar nestes eventos e foi assim que comecei a tomar conhecimento sobre assuntos ligados a formas de trabalho em Moçambique. Costumávamos ir ao SOAS de vez em quando e Ruth estava presente em alguns dos seminários e, numa das sessões ela começou a falar do trabalho que eventualmente se veio a transformar no *Mozambican Miner*.¹³⁸ Então, houve uma sucessão de acontecimentos e candidatei-me para ir a Moçambique, e quando lá cheguei, a minha esposa tinha um emprego, e na altura, eu estava desempregado. Eventualmente, procurei Ruth e ela convidou-me para trabalhar no centro. E foi assim que cheguei lá.

Eu tinha já iniciado as minhas leituras sobre os documentos do Terceiro Congresso da FRELIMO, em Inglês, e tinha já entrado em contacto com algumas pessoas do MAGIC que estavam lá.¹³⁹ Também iniciei encontros com alguns deles. Nesta altura, eu era já considerado uma *persona non grata* para poder regressar à África do Sul. Havia terminado os meus estudos e não queria realmente fixar-me no Reino Unido, então, Moçambique apresentava-se como uma boa oportunidade e para lá fui. O país oferecia-me um alinhamento com a minha predisposição ideológica, e então pensei que este poderia ser um lugar onde me sentiria feliz a trabalhar e a contribuir para o desenvolvimento do socialismo em Moçambique.

CD: E isso teria sido em fins de 1978?

138 O trabalho de pesquisa sobre o impacto do sistema de trabalho migratório em Inhambane foi realizado por uma equipa liderada por Ruth First (em destacamento de curta duração pela universidade de Durham) em 1977, e na época, foi publicado em versão abreviada e completa quer na língua Inglesa quer Portuguesa. O relatório completo foi publicado recentemente numa nova edição Brasileira de 2015: Ruth First (cord.) *O Mineiro Moçambicano: em Estudo sobre a Exportação de Mão-de-Obra em Moçambique* (Recife: UFPE, 2015).

139 MAGIC - The Mozambique-Angola-Guine Information Centre (Centro de Informação de

RD: Eu Cheguei em 1979, princípios de 1979.

CD: Mais ao menos na mesma altura em que eu cheguei?

RD: Penso que sim. Sim, sim.

CD: Então concorraste para um emprego na universidade depois da tua chegada?

RD: Depois que cheguei. Também procurava por outras coisas. Num momento contactei o Ministério da Indústria. Eu tinha em ideia que poderia contribuir para a política industrial em Moçambique (risos). Mas eventualmente, sabes, comecei a ter outra vez contactos com Ruth, e ela disse... vem para o centro, e eu fui ao centro, e foi isso.

CD: Nessa altura, tu eras, presumivelmente o único sul-africano economista político no centro. Muito antes da chegada de Dan O'Meara ou Siphon Dlamini?

RD: Bem, havia a Ruth, com certeza.

CD: Quais foram os primeiros projectos em que trabalhaste?

RD: Eu estava envolvido numa pesquisa colectiva no centro, e participei num conjunto de viagens de pesquisa colectiva. Estive no programa do algodão.¹⁴⁰ Mas eu desenvolvi aí um pequeno nicho. Comecei por ir às fábricas e visitei estas fábricas de descaroçamento de algodão - não eram fábricas de têxteis, não tendo assim trabalhado tanto nos campos... mas as primeiras [no processo], as fábricas de descaroçamento, ao mesmo tempo que lia os relatórios das pessoas que tinham a responsabilidade de assegurar que os camponeses produzissem o algodão a horas, e que aplicavam a palmatória se estes não o fizessem, e... era o tipo de relatórios que constituíam as minhas leituras.

CD: Ai é? Ainda mantinham o uso da palmatória?

RD: Bem, este ponto nem sempre era reportado, mas havia uma secção nos relatórios acerca deste e daquele períodos, e havia uma secção aí acerca da atitude dos indígenas - os nativos - e havia referências a que eles umas vezes

¹⁴⁰ O grande projecto do algodão do Centro era organizado em parceria com o Instituto Norueguês de Relações Internacionais. A pesquisa integrava aspectos ligados à agricultura e indústria e era constituído por duas pesquisas de campo em Nampula e na Zambézia, dois estudos virados para as fábricas Texmoque e Texlom, e análises sistemáticas de fontes documentais e estatísticas. As séries de relatórios foram publicadas entre 1979 e 1982.

eram um pouco mais arrogantes e assertivos e outras vezes um pouco mais cooperativos. Então, eles costumavam usar outros métodos e forçar esta gente a fazer o que era necessário - sacher as plantas e fazer a colheita a tempo. Isto fazia parte dos relatórios dos administradores, embora eles estivessem sentados nos escritórios das fábricas. A questão fundamental é que a maioria deste algodão era enviado para as fábricas têxteis em Portugal. Historicamente, era assim que as coisas aconteciam. O peso da semente de algodão no conjunto total da planta é muito elevado, por isso eram necessárias as fábricas de descaroçamento. O que essas fábricas faziam, realmente, era cardar o algodão para retirar a semente, e obtinham fardos de algodão cru para exportação. Foi sobre estas fábricas que trabalhei, enquanto para elas ... e algumas começavam a entrar na bancarrota também, e o Estado iniciava o seu processo de intervenção. Estas eram algumas das coisas. E a partir daqui, eu também comecei a ficar envolvido no processo e comecei por ir a algumas das fábricas têxteis - Texlom, Texmoque, a esta espécie de lugares.

CD: As fábricas de descaroçamento eram em Nampula? Na cidade de Nampula?

RD: Eram em Nampula, sim, este foi o primeiro projecto em que participei, aí em Nampula. As fábricas situavam-se em diferentes cidades ... estás a reavivar a minha memória ... não me parece que elas se situassem na cidade, estavam situadas em pequenas cidades.

CD: Podes dizer-nos algo sobre o significado de estudar e compreender a África Austral enquanto região? A minha memória, dessa altura, é que havia um foco genuíno sobre a revolução moçambicana, mas no contexto da África Austral como um todo, uma região que a economia sul-africana continuava a dominar, apesar das relações hostis entre Moçambique e a África do Sul.

RD: Se eu quiser periodizar as minhas contribuições pessoais no centro, poderei dizer que quando ali cheguei, o trabalho dominante era o que acabei de descrever, onde as brigadas de pesquisa constituídas por estudantes e trabalhadores saíam, e estávamos em busca dos progressos do projecto socialista moçambicano. Parece-me que emergiram, na altura, conceitos muito importantes sobre o papel da pesquisa na revolução e todo este género de coisas. Mas com certeza, como tu mesmo disseste, Moçambique estava inserido numa região que era dominada pelo Estado do *apartheid*, que era o Estado mais poderoso em sua volta e com laços históricos e económicos fortes com muitos dos outros países da região, uma espécie de hegemonia regional.

Quando cheguei a Moçambique, a questão regional dominante era o Zimbábue, como estou certo, tu mesmo observaste nessa altura. No primeiro ano da minha estadia, as pessoas da ZANU-PF ainda aí estavam ... Encontrei alguns dos seus membros de uma ou outra forma, e o Centro produziu um livro, para o qual eu também dei a minha contribuição, intitulado “Zimbábue: A Questão Rodesiana”.¹⁴¹ E então, a FRELIMO fez um esforço notável para assegurar que o seu flanco ocidental não fosse uma fonte de desestabilização. As conversações de *Lancaster House* foram uma vitória e contribuíram para a eventual independência do Zimbábue. Então, penso que esta era a questão regional dominante, quando cheguei ao centro.

Mas, penso que todos nós sabemos, que esta questão não era o fim da dinâmica regional. Com certeza, o ANC estava presente em Moçambique. Eu juntei-me ao ANC em Moçambique. Havia todo este lado... as coisas aconteciam e o ANC iniciava o seu reagrupamento, e assumia a forma de luta armada dentro da África do Sul, e o crescimento da luta clandestina era cada vez mais visível. Mas não creio que se tivesse esperado ou suposto que a retaliação do regime fosse assumir as formas de que se veio a revestir. Lembro-me que em redor de Maputo havia um sistema efectivo de mísseis de defesa. Uma vez a Força Aérea sul-africana enviou um drone que foi rapidamente destruído, assim que chegou.¹⁴² Habitualmente, falava-se de um tempo de “sete minutos” para que a partir das suas bases os Mirages da força aérea sul-africana atingissem Maputo, mas Moçambique estava bem defendido contra estes ataques. Mas não me parece que havia sido antecipada a ideia de uma guerra do tipo “contra”.¹⁴³

Uma vez que a guerra do tipo “contra” surgiu, e uma vez que os moçambicanos constataram que as SADF estavam envolvidas neste processo, o assunto despertou imediatamente um grande interesse. O que se estava a passar? Quem fazia o quê na África do Sul? Consequentemente e numa base *ah hoc*,

141 A pesquisa original do CEA sobre o Zimbábue foi realizada em 1976 para a Conferência de Geneve que teve lugar nesse mesmo ano. Davis refere-se aqui a uma edição revista e alargada do relatório original que foi publicado em Dezembro de 1979 como *Zimbábue: A questão Rodesiana* (Maputo: Edição do INLD, 1979), com uma introdução de Robert Mugabe.

142 Este incidente ocorreu a 30 Maio de 1983, quando um IAI Scout RPV de desenho israelita operado por militares da África do Sul foi abatido sobre Maputo e despenhou-se no mar. Os destroços foram subsequentemente recuperados (Veja *Notícias*, 2 de Junho de 1983).

143 A palavra “contra”, originária da *contrarrevolução* espanhola, era um termo depreciativo aplicado nos anos 1980 às forças anti-Sandinistas financiadas pelos Estado Unidos, na Nicarágua. Rapidamente passou a ser genericamente aplicado a qualquer grupo de guerrilha anti-comunista de direita que dependesse de apoio externo, incluindo a RENAMO. Veja por exemplo, William Minter, *Os Contras do Apartheid: as raízes da guerra em Angola e Moçambique* (Maputo: Arquivo Histórico, 1994).

Ruth e Aquino e, eu próprio, em conjunto, nos interrogávamos se deveríamos escrever algo? Penso ainda que, para além desta questão, nasceu também o interesse pela África do Sul, e depois pelo resto da região... e qual seria a resposta? Certamente [que], o nosso interesse não era exactamente numa perspectiva África do Sul-Moçambique, mas era África do Sul e Angola, África do Sul e Botswana, África do Sul e Lesotho. Desta forma, a dinâmica regional total tornou-se muito importante, para compreender o que era a região, e como esta estava estruturada. Como sabes, a SADCC foi formada em 1980 e Ruth decidiu que o centro deveria contribuir no apoio à SADCC, através da pesquisa, uma vez que na altura o seu objectivo era reduzir a dependência - particularmente, mas não somente na África do Sul. Então havia uma resposta, uma reacção, e não somente na frente militar, mas também do lado económico.

Fora de tudo isto veio a ideia real, a concepção sobre o que era esta região, quais as suas dinâmicas, quais as linhas em conflito, e depois, eventualmente, como seria o panorama da região depois do desaparecimento da monstruosidade do *apartheid*? Havia todas as questões que, de uma ou outra forma, começámos a fazer face, no centro.

CD: Parece-me que a partir do que disseste surgem duas questões. Lembro-me de Peter Vale ter falado numa ocasião sobre a “Escola Moçambicana” nas ciências sociais, em termos de análise da região. Consideras esta ideia como válida? Obviamente que uma das suas características deve ter sido esta perspectiva regional, mas se for verdade, quais seriam as outras características? Esta é a primeira questão. A segunda, é sobre este foco regional que acabaste de mencionar, no final formalizado como o Núcleo da África Austral, mas na minha memória... isto só sucedeu em termos de uma reestruturação depois do assassinato de Ruth. Estarei correcto?

RD: Não, isto sucedeu um pouco antes. Começou a verificar-se assim que a guerra de desestabilização¹⁴⁴ principiou a ter impacto na possibilidade de deslocações a áreas rurais para conduzir pesquisa. Esta possibilidade começou a sofrer recuos. Então, esta primeira fase da pesquisa tinha que dar lugar a qualquer coisa mais. Mas não era só isso. As dinâmicas da região tinham realmente um impacto significativo na própria evolução de Moçambique. Por isso tínhamos um interesse sério nesta análise.

144 Historicamente, o termo “guerra de desestabilização” era usado preferencialmente por analistas que acreditavam que o conflito entre o Governo moçambicano e a RENAMO era guiado primariamente pelos desejos do regime do *apartheid* da África do Sul para enfraquecer Moçambique, enquanto o universal “guerra civil” era usado pelos que acreditavam que era guiado por uma dinâmica interna de uma oposição às políticas governamentais. Davies marca aqui o seu ponto de vista ao referir que o carácter do conflito era regional.

CD: Então no Centro existia uma consciência apurada do contexto em que se trabalhava?

RD: Penso que sim. Com certeza, o trabalho sobre “O Mineiro Moçambicano” já tinha um contexto regional - quais eram os impactos das mudanças na dinâmica regional sobre as famílias que proviam a força de trabalho masculina para as minas da África do Sul? Esta situação já existia, mas tornou-se cada vez mais pronunciada, e transformou-se no tipo de análises de estudos estratégicos nos quais estávamos envolvidos.

CD: Voltaremos a este ponto daqui a pouco, porque gostaria de te perguntar acerca do período da direcção de Sérgio Vieira no centro... Mas... e a ideia da “Escola Moçambicana”?

RD: Sim, estava justamente a tentar referir as diferentes fases do trabalho do centro. Havia uma aproximação aos estudos estratégicos em redor da guerra de desestabilização, e penso que estávamos entre os primeiros a realizar este género de pesquisa, por razões óbvias. Mais tarde, quando a guerra atingiu um ritmo acelerado e começou a afectar muitos dos outros países, juntaram-se outros académicos na escrita de análises e livros substantivos. O nosso trabalho estava particularmente focado na dinâmica Moçambique-África do Sul. E tentávamos atingir um conhecimento profundo sobre o caminho que seguiria a estratégia da África do Sul, quais eram as perspectivas e, as novas formas a assumir; porque é que tudo era como era, que espécie de regime era na realidade o adversário - todas estas questões estavam em jogo. Começámos por fazer exactamente este tipo de pesquisa, tudo começou assim. Podes dizer, que era uma espécie de “Escola Moçambicana” - mas eu diria que era uma discussão de estudos estratégicos, e mais tarde tornou-se mais uma tentativa para desenvolver a economia política da região. Mas foi aqui que começámos.

CD: Parece-me que hoje em dia existe uma tendência para olhar para trás com uma visão ligeiramente cor-de-rosa sobre a forma como foram as coisas no centro - particularmente entre nós os que estavam lá nessas alturas. Mas recordo-me que houve alguns momentos difíceis em termos de relações pessoais entre os pesquisadores. Para mim, apesar de Ruth ter tido uma enorme influência na minha vida e na minha carreira, ela era por vezes uma pessoa difícil com quem trabalhar. Então, podes dizer algo sobre relações pessoais e esta espécie de dinâmicas no centro?

RD: Uma das coisas importantes a apontar é que Ruth tinha sido jornalista antes de se tornar académica. Então, ela era bastante adversa a muitas contextualizações académicas e a esta espécie de coisas [risos] - ela queria uma

mensagem sólida e rápida, bem trabalhada e bem escrita. Parece-me que isto era um factor ... nisso ...

CD: Lembras-te, havia uma reunião envolvendo Chris Gerry e Luis de Brito, onde Luís acusou Rurh de “produtivismo”. Parece-me que se referia a querer produzir textos rapidamente em lugar de textos completamente pensados. Recordo-me que foi um encontro relativamente quente.

RD: Não me parece que tivesse estado presente a esse encontro. Não me recordo. Mas penso que era isso em parte. Ela queria um produto que fosse ... [Mudança da linha de pensamento] o... a conceptualização provavelmente vinha mais das pessoas como Harold Wolpe, que assistia aos seminários, a sua teorização vinha mais destes seminários, que de Ruth. Ele descreveu sobre o que ela era, era mais do que apoio crítico, onde tu podias vir e rapidamente dizer a esta ou aquela pessoa, com autoridade, que esta ou aquela coisa estava dando errado, ou que o conceito de, por exemplo, machambas estatais como o dinamizador do socialismo estava mal colocado, ou que era necessário dar mais ênfase nas cooperativas. Era uma pesquisa muito prática que ela queria, o tempo todo. Penso que isto criava atritos contra os académicos, no sentido negativo ...

CD: E presumivelmente por vezes criaria atritos contra as estruturas da FRELIMO também?

RD: Sim. Penso que é aqui onde ambos Ruth e Aquino desempenhavam um papel absolutamente fulcral. Não me parece que sem a liderança de ambos tivesse sido possível criar espaço para a pesquisa nestes moldes. Não sei qual foi o papel desempenhado por Ganhão, mas os dois, Ruth e Aquino, em conjunto, tinham suficiente influência política para serem capazes de dizerem isto é algo que vale a pena fazer, isto é algo que deve receber apoio, e mesmo se fosse crítico ou o que quer que fosse que estivesse a acontecer... o nosso papel não é distribuir propaganda, é distribuir apoio crítico, ser crítico, com vista ao aprofundamento e reforço da transição socialista. Era sobre isto... Isto também foi transmitido àqueles, de entre nós, que não “compraram” a narrativa da FRELIMO sobre o Acordo de Nkomati, depois da morte de Ruth. Fomos capazes de continuar a desenvolver algum trabalho no centro e observar alguns dos assuntos e alguns dos continuados conflitos que emergiram depois do Acordo de Nkomati.

CD: Falemos um pouco mais sobre os diferentes períodos do centro. Há o período da liderança da Ruth, do qual já falámos, o período da pesquisa rural, depois as mudanças quando o acesso ao campo se tornou difícil. Mas e sobre a liderança de Aquino depois da morte de Ruth, ao que se seguiu o período de

direcção de Sérgio Veira? Quem saiu quando Sérgio era director do centro? Quais foram as mudanças no último período?

RD: Penso que os períodos do centro correspondem aos desenvolvimentos ocorridos em Moçambique. Assim, a primeira fase consistia no avanço do processo socialista. Parece-me que vale a pena notar que um dos crimes do assassinato de Ruth First foi ... [mudança de pensamento] sua visão, para grande surpresa de muitas pessoas no ANC, era esta, da luta pelo socialismo em Moçambique e a luta pela libertação na África do Sul, que estavam inextricavelmente interligadas e que, trabalhar para o avanço do projecto socialista em Moçambique era uma contribuição para a libertação geral. E era nestes pontos que ela estava focada. Ela era membro do ANC, mas não estava envolvida na luta armada, ela não estava envolvida em qualquer das actividades clandestinas, ou algo semelhante. Então, o equivalente ao assassinato de uma pessoa como Ruth First era como se alguém tivesse atacado um pesquisador pro-Nat¹⁴⁵ em uma das universidades da África do Sul - mas eles nunca foram um alvo da luta armada de libertação. Então, penso que o ataque a Ruth First foi um crime, e estou certo que ela foi atacada por causa da influência que tinha, quer em Moçambique quer na África do Sul.

145 Um apoiante do Partido Nacional (Nasionale Party) na África do Sul do *apartheid*.